



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

ENY ARAUJO ROCHA

***SILAS MARNER, DE GEORGE ELIOT: UMA LEITURA À LUZ DA
ECOCRÍTICA***

João Pessoa

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
ENY ARAUJO ROCHA

***Silas Marner*, de George Eliot: uma leitura à luz da ecocrítica**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em
Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
como requisito para obtenção do título de Licenciada
em Letras - Inglês.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lucia Fatima F. Nobre.

JOÃO PESSOA

2018

ENY ARAUJO ROCHA

Silas Marner, de George Eliot: uma leitura à luz da ecocrítica

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito para obtenção do grau de
Licenciada no Curso de Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba.

Data de aprovação:

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Lucia Fatima Fernandes Nobre (UFPB)
(Orientadora)

Prof^o. Dr. Jeová Rocha de Mendonça (UFPB)
(Examinador)

Prof^a Dr^a Andréa Burity Dialectaquiz
(Examinadora)

Prof^a Dr^a Glória Maria Gama de Oliveira
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

- Ao Senhor Nosso Deus, Aquele que me deu forças e me ajudou a seguir em frente em momentos tão difíceis desse Trabalho de Conclusão de Curso;
- À minha família que me deu forças e incentivo para que eu pudesse concluir essa etapa da minha vida;
- Aos amigos que sempre me ajudaram e dispuseram de seu tempo e carinho nas discussões sobre as produções literárias da Era Vitoriana;
- À Professora Lucia Nobre que me apresentou *Silas Marner*, quando eu disse que queria fazer análise de uma obra que explicitasse as consequências da natureza em decorrência da Revolução Industrial. Ela me encorajou a prosseguir com minhas pesquisas em Ecocrítica e foi uma excelente orientadora com seus conselhos sobre a delicada escrita de George Eliot.

RESUMO

A Inglaterra do século XIX foi um período significativo nas questões concernentes à economia, à política e à sociedade, pois foi nesse período que houve uma quebra de paradigma na relação entre o homem e o meio ambiente devido à Revolução Industrial, de tal forma que esta ressonância ecoa para os textos literários. Feita essa exposição, esclarecemos que o presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar o romance *Silas Marner: o tecelão de Raveloe*, de George Eliot, publicado em 1861, sob a perspectiva da ecocrítica. Nosso olhar para esse material se pauta na percepção de que George Eliot, sendo uma escritora de cunho realista, ainda mantém laços intrínsecos com o poeta romântico William Wordsworth. Assim, *Silas Marner* transita por essas duas esferas literárias: Romantismo e Realismo. O conceito utilizado nessa pesquisa aborda o tema da modalidade de análise Ecocrítica, que investiga o texto literário e suas relações entre o homem e o meio ambiente. Para atingirmos nosso objetivo, essa pesquisa foi desenvolvida com base nos estudos ecocríticos, para isso recorremos como fundamentação teórica Guattari (2012), Williams (2012), Garrard (2006), Gotfelty (1996) e Capra (1982). Assim, nossa pesquisa propõe mostrar como George Eliot consegue apresentar um romance com traços bucólicos do romantismo e, simultaneamente, uma abordagem realista, que pode gerar em seus leitores uma conscientização de que as relações entre homem e natureza também perpassam por transformações internas do indivíduo.

Palavras-Chaves: George Eliot. *Silas Marner*. William Wordsworth. Ecocrítica.

ABSTRACT

The Nineteenth Century was a very important period to England in terms of economy, politics and society due to the Industrial Revolution, because it was when there was a paradigm rupture of the relationship between man and environment. It was such a profound rupture that its resonance echoes in literary texts. Having this in mind, it is time to establish the objective of this work, which aims at analysing the novel *Silas Marner: The Weaver of Raveloe*, written by George Eliot and published in 1861, under the perspective of Ecocriticism. Our concern towards this material is based on our perception that George Eliot follows a realistic pattern in her writings, but keeps intrinsic bonds with the romantic poet William Wordsworth. *Silas Marner* moves within these two literary spheres: Romanticism and Realism. The concept used in this research approaches the theme modelled by an Ecocriticism analysis, that investigates the literary text and its relation between man and environment. To attain our goal, this work was developed according to the ecocriticism theoretical studies finding in Guattari (2012), Williams (2012), Garrard (2006), Gotfelty (1996) e Capra (1982). Thus, our work proposes to show how George Eliot writes her novel from a realistic approach and, simultaneously, is able to present bucolical traces from the Romanticism, what may awake her readers to the consciousness that the relationship between man and nature may pervade the inner transformations of the individual.

Keywords: George Eliot. *Silas Marner*. William Wordsworth. Ecocriticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. LITERATURA E ECOCRÍTICA	10
1.1 Da necessidade de se discutir a natureza	10
1.2 Natureza e Literatura: a natureza nos textos literários	13
1.3 Ecologia social e Pastoral: abordagens ecocríticas	15
2. APROXIMAÇÃO ENTRE ELIOT E WORDSWORTH	21
2.1 Wordsworth: <i>Preface to Lyrical Ballads</i> , a natureza do/no poeta	21
2.2 Eliot: uma mulher de vários nomes	23
2.3 Aproximação em Eliot e Wordsworth	25
3. ANÁLISE DO ROMANCE À LUZ DA ECOCRÍTICA.....	30
3.1. Do homem-máquina ao homem-natureza: personagem, espaço e natureza	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

É sabido que durante o século XIX, na Inglaterra, a Revolução Industrial causou grandes impactos na sociedade, este evento também alterou os paradigmas econômicos, sociais e políticos. A produção literária dessa época também acompanhou essas transformações, principalmente na literatura escrita por mulheres. As escritoras que se dedicaram a esse ofício eram geralmente representadas sob o estereótipo de produzirem uma literatura de baixo teor significativo. Diante deste contexto, podemos inferir que Mary Ann Evans adotou o pseudônimo masculino de George Eliot por dois principais motivos: o primeiro, diz respeito possivelmente ao esforço para evitar que seus romances fossem considerados uma leitura somente para mulheres; o outro motivo está relacionado às questões íntimas de preservação da sua identidade perante o mercado editorial.

Diferentemente de muitas mulheres de sua época, George Eliot recebeu educação formal até sua fase adulta, publicou trabalhos traduzidos e trabalhou como editora assistente na revista inglesa *The Westminster Review*. Todo esse trabalho intelectual contribuiu para o seu amadurecimento como romancista, carreira iniciada aos 40 anos de idade. George Eliot viveu em um período de transição literária, entre o Romantismo e o Realismo, e as peculiaridades desses momentos literários são nítidos em suas obras, como pode ser visto em *Silas Marner*, no qual vemos traços do Romantismo nas descrições dos espaços, onde exalta-se o bucolismo, e traços do Realismo na representação de personagens que precisam enfrentar seus dilemas pessoais.

Foi a percepção desses fatores que nos inspirou para a elaboração deste trabalho de pesquisa. Para isso, definimos como objeto de estudo o terceiro romance da escritora, *Silas Marner: o tecelão de Raveloe*, publicado em 1861. Feita esta escolha, elaboramos como objetivo geral deste trabalho analisar o romance sob a perspectiva da ecocrítica aplicada a um período de transformação entre os dois momentos literários da Era Vitoriana, Romantismo e Realismo, no qual examinaremos a relação entre homem e natureza com ênfase na observação do espaço dentro do romance. Como objetivos específicos, percorremos algumas etapas em nossa pesquisa, tais como: apresentar o conceito de ecocrítica; situar a escrita realista de George Eliot sob a influência do Romantismo e, por último, analisar a relação entre o personagem Silas Marner e o meio natural e seu processo de transformação pessoal.

Este trabalho é dividido em três capítulos que aprofundarão cada um dos objetivos específicos. No primeiro capítulo, contextualizamos a importância de se discutir a natureza nos textos literários, aqui também convém tratar da abordagem denominada de Ecocrítica. Dentro do universo da Ecocrítica, fazemos um recorte e voltamos nosso olhar para o bucólico na literatura do Romantismo, particularmente no romance *Silas Marner*, e mencionamos outros romances de George Eliot que se situam nesse cenário.

No segundo capítulo, destacamos o poeta romântico William Wordsworth que foi o principal influenciador das obras de George Eliot. Em seguida, apresentamos a biografia da romancista, pois entendemos que sua trajetória de vida pessoal e profissional, antes da publicação do primeiro romance, *Adam Bede*, de 1859, são cruciais para a construção do romance *Silas Marner*. Por fim, mostramos as evidências da influência de Wordsworth na escrita de George Eliot. Vemos, portanto, que a epígrafe de *Silas Marner* é um fragmento do poema *Michael, A Pastoral Poem*, de Wordsworth.

No terceiro capítulo apresentamos as transformações ocorridas em *Silas Marner*. A análise foca no processo de transformação do personagem a partir de sua relação com os espaços presentes na narrativa. A abordagem ecocrítica corresponde ao estudo da representação da relação do homem com a natureza na literatura, logo o modo como o sujeito opera sobre esses espaços, envolve-o numa carga de significação que produz um modo de ser e estar nesse território.

Este trabalho se faz relevante porque traz o enfoque da ecocrítica para os estudos analíticos da literatura. E nota-se, também, que o romance *Silas Marner* traz uma carga significativa de como a natureza está intrinsecamente relacionada à linguagem da obra, à descrição dos cenários e à relação dos personagens com o meio.

Concluimos, portanto, dizendo que uma vez apresentado os aspectos introdutórios que nortearam esse trabalho, não podemos deixar de mencionar mais uma vez que o período em que se passa o romance, início do século XIX, traz marcas das transformações sociais, políticas e econômicas provindas da Revolução Industrial, e isso afeta expressivamente a relação entre o homem e o meio ambiente. Assim, podemos avançar para o primeiro capítulo de estudo, que diz respeito às relações entre homem e natureza e a análise literária à luz da ecocrítica.

1. LITERATURA E ECOCRÍTICA

No princípio, criou Deus os céus e a terra.

Gênesis 1:1

1.1 Da necessidade de se discutir a natureza

Um dos meios mais compreensíveis de se entender a relação entre o homem e a natureza no decurso das suas representações literárias é através de sua contextualização histórica. A princípio, o termo “natureza” tem sua origem no latim “*natura*”, que significa tudo aquilo que surge, nasce. De fato, não podemos ignorar a presença humana como manipuladora dessa natureza e, por vezes, sujeito ativo na criação daquilo que o cerca. Séculos antes da expressão bíblica supracitada ser registrada no livro sagrado, a humanidade já sabia qual era o seu lugar no mundo enquanto ser integrante do meio natural, como por exemplo, na manipulação dos alimentos e domesticação dos animais.

A sociedade da Antiguidade buscava obter o domínio e conhecimento sobre o céu, a terra e o mar. No entanto, no mundo ocidental, foram os gregos que contribuíram com o legado de refletir cientificamente sobre o papel da humanidade no meio ambiente. Enquanto os povos primitivos atribuíam às divindades míticas as explicações naturais sobre a origem do mundo e o funcionamento das coisas naturais, os gregos buscavam no método filosófico-científico a tentativa de explicar o lugar do homem no mundo. Essa ruptura de pensamento ideológico é essencial para situarmos nossa investigação acerca das produções literárias que de alguma forma a presença da natureza faz parte.

As transformações culturais da Antiguidade até a sociedade Moderna que nós conhecemos hoje provém da ruptura dos filósofos gregos em destituir o saber mítico do saber científico no campo da razão, embora nas searas literárias e artísticas os saberes míticos permeavam toda a cultura grega. Sendo assim, os filósofos gregos viam na natureza um laboratório infinito de experimentos. Danilo Marcondes (2001, p. 21) ressalta que a investigação científica para os gregos busca “uma explicação do mundo natural [...] baseada

essencialmente em causas naturais, o que consistirá no assim chamado naturalismo da escola [...] O mundo se abre, assim, ao conhecimento, à possibilidade total de explicação”.

Ao longo da evolução social muitas transformações ocorreram após o desdobramento do pensamento filosófico-científico. A ênfase dada ao saber científico aumentou em grandes proporções o incentivo à exploração e domínio da natureza no Ocidente. Fritjof Capra (1982) atribui a Descartes a célebre frase “*Cogito, ergo sum*” – Penso, logo existo – o incentivo certo que a sociedade Ocidental precisava para levar adiante seus propósitos individualistas de prosperidade. Nesse sentido, Capra (1982, p. 37) salienta que:

Na medida que nos retiramos para nossas mentes, esquecemos como “pensar” em nossos corpos, de que modo usá-los como agentes do conhecimento. Assim fazendo, também, nos desligamos do nosso meio ambiente natural e esquecemos como comungar e cooperar com sua rica variedade de organismos vivos.

Ademais, faz-se necessário também adicionar a essa discussão os preceitos abordados em *As três ecologias*, discutidas por Félix Guattari (2012). As reflexões abordadas pelo filósofo francês giram em torno de três instâncias, a saber: o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana – a qual chamou de *Ecosofia*. Esse é o tripé que poderá reorganizar a crise ambiental pela qual estamos passando, da mesma forma que Fritjof Capra (1982) assinalara anos antes ao propor uma visão holística ambiental. Numa linguagem clara e precisa, o pensador francês nos coloca diante de desequilíbrios ecológicos, como Chernobyl, e a proliferação de doenças incuráveis, como a Aids.

De fato, os eventos abordados por Guattari compreendem que a degradação do meio natural trará consequências para a sociedade, tais como: “as redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo grangrenada pelo consumo da mídia” (2012, p. 7).

Guattari (2012) propõe uma articulação ético-política entre as três ecologias, em outras palavras, uma visão holística, na qual essas ecologias entram em fusão para que tais eventos não deteriore a humanidade a tal ponto que os danos se tornem irreversíveis. Ademais, é também atribuída às formações políticas e às instâncias executivas uma visão limitada de responsabilizar somente os danos industriais como causadoras do colapso ambiental, pois eles estão centrados no mercado mundial e complexos militar-industriais.

No final do século XX, Guattari (2012) vislumbrara o futuro e nos coloca em confronto com a realidade de hoje. Então, notamos que a aceleração das mutações técnico-científicas e do crescimento demográfico enuncia sua principal afirmação: “o que está em

questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta” (2012, p. 8). A ecosofia de Guattari (2012, p. 9) aponta, portanto, à necessidade de transformar a sociedade a partir do ponto que chegamos:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.

É também dessa maneira que Capra (1982) entende o mundo. Com a mudança de paradigma, do modelo mecanicista de Descartes para a visão holística ou sistêmica, vemos que os elementos essenciais, do qual compõem o meio ambiente, reestabelecerá uma relação intrínseca e equivalente entre si. Capra (1982) atribui a responsabilidade aos movimentos sociais ocorridos nas décadas de 50 e 60 como sendo os promotores por essa transferência de concepção ideológica. Pois, notamos que nesse período, os movimentos filosóficos, espirituais e políticos parecem todos caminhar na mesma direção. Notamos que nessa época há um considerável aumento de grupos acadêmicos interessados em discutir os problemas ambientais nos campos da ciência, saúde, sociologia entre outros.

A professora pesquisadora dos estudos de literatura e meio ambiente Cheryll Glotfelty reconhece que os temas mais discutidos nas ciências humanas no final do século XX são aqueles voltados para as áreas da história, sociologia, filosofia, religião e legislação. Ela percebe que há uma invisibilização dos estudos literários e o contexto ambiental quando estavam inseridos no mesmo contexto das outras ciências humanas. Sob essa perspectiva, Glotfelty (1996, p. xvi) explica:

Enquanto os movimentos sociais, como os movimentos pelos direitos civis e libertação das mulheres dos anos sessenta e setenta, transformaram os estudos literários, parece que o movimento ambientalista da mesma época teve pouco impacto.¹ (tradução nossa)

Porém, na antologia de ensaios *The Ecocriticism Reader*, Glotfelty (1996) reúne textos que comprovam que pensadores da literatura e da cultura vêm desenvolvendo teorias e críticas desde os anos 70 sobre estudos relacionados à literatura e à natureza. Na área da

¹ “While social movements, like the civil rights and women’s liberation movements of the sixties and seventies, have transformed literary studies, it would appear that the environmental movement of the same era has had little impact.”

literatura e da produção cultural, podemos verificar que um dos crescentes expoente que tem mobilizado vários pensadores e acadêmicos dos estudos da produção artística é a ecocrítica, do qual iremos tratar na próxima seção.

1.2 Natureza e Literatura: a natureza nos textos literários

É inegável reconhecer que nos últimos 50 anos as questões ambientais vêm preenchendo gradualmente as manchetes midiáticas, como por exemplo: grandes períodos de estiagens, perdas de plantações, aquecimento global. Em simultaneidade com esses eventos, nota-se uma crescente preocupação de grupos de estudos literários em publicar artigos numa perspectiva de análise que envolvem expressões culturais e natureza e suas implicações na obra.

A consagrada antologia de ensaios *The Ecocriticism Reader* organizada por Cheryll Glotfelty e Harold Fromm trouxe textos que marcam cronologicamente como a ecocrítica se difundiu pelos centros universitários estadunidenses. No ensaio introdutório, “Estudos Literários numa era de crises ambientais”², Glotfelty (GLOTFELTY e FROMM, 1996, p. xviii) definiram o termo ecocrítica como:

O estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra³.
(tradução nossa)

Glotfelty convida os pesquisadores e estudiosos, que se propõem a analisar uma obra na perspectiva da ecocrítica, a ter em mente alguns questionamentos que direcionam o trabalho acadêmico como uma pesquisa que analisa as relações humanas e ambientais na literatura. Glotfelty (1996, p. xviii-xix) propõe as seguintes indagações:

Como a natureza é representada nesse soneto? Qual o papel do ambiente físico no enredo do romance? Os valores expressos nesta peça são

² “Literary Studies in an Age of Environmental Crisis.”

³ “The study of the relationship between literature and the physical environment. Just as feminist criticism examines language and literature from a gender-conscious perspective, and Marxist criticism brings an awareness of modes of production and economic class to its reading of texts, ecocriticism takes an earth-centered approach to literary studies.”

consistentes com a sabedoria ecológica? Como nossas metáforas da terra influenciam a maneira como a tratamos? Como podemos caracterizar a escrita da natureza como um gênero?⁴ (tradução nossa)

O termo ecocrítica foi mencionado pela primeira vez em 1978 por William Rueckert no ensaio “Literatura e Ecologia: um Experimento em Ecocrítica”⁵. Nesse sentido, Garrard (2006) posiciona a ecocrítica no campo de análise acadêmica, no qual muitos pesquisadores estadunidenses têm colaborado a expandir e a consolidar a ecocrítica como uma “modalidade de análise confessadamente política [...] Os ecocríticos costumam vincular suas análises culturais a um projeto moral e político ‘verde’” (GARRARD, 2006, p. 14). É importante termos isso em mente para não confundirmos a ecocrítica com uma teoria literária, ela se encontra na mesma seara de discussões do feminismo e do marxismo. Percebemos, também, que a ecocrítica expande sua análise para campos variados que queiram discutir as relações entre meio ambiente e o ser humano.

Em 1992, A Associação para o Estudo da Literatura e do Meio Ambiente (*Association for the Study of Literature and Environment*, ASLE) foi fundada por Scott Slovic. Nas palavras de Slovic (*apud* GLOTFELT e FROMM, 1996, p. xviii), a referida associação tem como missão: “promover o intercâmbio de idéias e informações pertinentes à literatura que considere a relação entre os seres humanos e o mundo natural”⁶ e também incentivam uma “nova escrita natural, abordagens acadêmicas tradicionais e inovadoras à literatura ambiental e pesquisa ambiental interdisciplinar”⁷ (traduções nossas).

Na sequência da ASLE e na verificação de um grande aumento de associados, mais de 300 membros só no primeiro ano, Patrick Murphy cria os Estudos Interdisciplinares em Literatura e Meio Ambiente (*Interdisciplinary Studies in Literature and Environment*, ISLE) em 1993. Esta traz como proposta a criação de um fórum para estudos críticos de literatura e outras formas de artes, incluindo também “teoria ecológica, ambientalismo, concepções da natureza e suas representações, a dicotomia humano/natureza e preocupações relacionadas”⁸ (tradução nossa). Desde então, a ecocrítica é reconhecida como uma escola literária que

⁴ “How is nature represented in this sonnet? What role does the physical setting play in the plot of this novel? Are the values expressed in this play consistent with ecological wisdom? How do our metaphors of the land influence the way we treat it? How can we characterize nature writing as a genre?”

⁵ “Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism”

⁶ “To promote the exchange of ideas and information pertaining to literature that considers the relationship between human beings and the natural world.”

⁷ “New nature writing, traditional and innovative scholarly approaches to environmental literature, and interdisciplinary environmental research.”

⁸ “Ecological theory, environmentalism, conceptions of nature and their depictions, the human/nature dichotomy and related concerns.”

procura estabelecer um conjunto de diálogos críticos e acadêmicos em prol de uma consolidação voltada para as questões ambientais e textos literários.

A ASLE expandiu-se em países como Austrália, Canadá, Estados Unidos, Índia, Japão, Turquia e Reino Unido. Em 2016, a Professora da Universidade Federal da Paraíba Zélia Monteiro Bora fundou a ASLE-Brasil, a organização é a única representante na América Latina e procura consolidar os estudos ecocríticos nacionais. “A proposta também é reunir profissionais e pesquisadores das artes, ciências humanas, letras e educação em torno da perspectiva ambiental”⁹, assim, destacou a professora Bora, fundadora da ASLE-Brasil.

Finalizamos, portanto, constatando que os primeiros estudos ecocríticos estadunidenses e ingleses focalizaram seus olhares na “poesia romântica, nas narrativas sobre o mundo natural e nos escritos sobre a natureza” (GARRARD, 2006, 16). Entretanto, temos visto que os estudos ecocríticos do século XXI engloba territórios de pesquisas mais gerais.

1.3 Ecologia social e Pastoral: abordagens ecocríticas

A sociedade medieval europeia movia-se por uma economia feudal e ruralista, de modo que as questões comerciais e monetárias eram limitadas aos feudos. Além de uma sociedade hierarquizada, o sistema feudal estabelecia princípios no qual a supremacia da Igreja Católica estabelecia as regras referentes a Deus, à moral e à ética. Nesse sentido, a ciência era baseada em argumentos que tinham bases religiosas, ou seja, as explicações racionais e científicas implicavam diretamente à igreja em assegurar que o teocentrismo sobrepõe à razão humana. Capra (1982, p. 49) compreende que:

No século XIII, Tomás de Aquino combinou o abrangente sistema da natureza com a teologia e a ética cristãs e, assim, fazendo, estabeleceu a estrutura conceitual que permaneceu incontestado durante toda a Idade Média. A natureza da ciência medieval era muito diferente daquela da ciência contemporânea. Baseava-se na razão e na fé, e sua principal finalidade era compreender o significado das coisas e não exercer a predição ou o controle.

⁹ Disponível em: <<http://asle-brasil.com/?p=94>>. Acessado em: ago. 2018.

Em contrapartida, o pensamento da idade moderna buscou, primeiramente, romper com um sistema teocêntrico ao mudar o foco para um sistema antropocêntrico e, em seguida, resgatar os princípios da razão humana dos Antigos Clássicos. Capra (1982, p. 49) argumenta que “a noção de um universo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela noção do mundo como se ele fosse uma máquina, e a máquina do mundo converteu-se na metáfora dominante da era moderna”.

Se a modernização da sociedade se constituiu a partir da perspectiva antropocêntrica, um efeito significativo desse processo foram as consequências ecológicas a que se sucederam em seguida, como por exemplo, a poluição atmosférica urbana proveniente da queima de combustíveis fósseis a partir da Revolução Industrial. Embora os efeitos dessas mudanças sejam amplamente percebidos, um dos maiores impedimentos para a tomada de ações concretas está na incapacidade da sociedade em compreender que “a consciência ecológica decorre de uma intuição de sistemas não-lineares”, ou seja, Capra defende a ideia de que os ecossistemas são baseados em ciclos e flutuações e mantêm-se, portanto, em equilíbrio com o meio ambiente. Capra esclarece, ainda, que a linearidade é estabelecida pelo crescimento econômico e tecnológico indefinido (lixo radiativo) e, consequentemente, eles “interferirão necessariamente no equilíbrio natural e, mais cedo ou mais tarde, causarão graves danos” (1982, p. 38).

O papel da literatura, nesse contexto, é exercer um importante efeito nesse sentido, pois os fatos retratados por meio da retórica literária, possibilitam que seus leitores compreendam a realidade que os cercam. Assim, é possível afirmar que a ecocrítica tem um papel fundamental da análise literária, pois toma o objeto literário como centro de suas investigações e acepções sobre o comportamento da natureza e suas relações com a arte, a retórica e a subjetividade.

Diante do quadro exposto acima é que o contexto histórico se pretende dialogar com o texto literário. O crítico inglês, Raymond Williams, publicou nos anos 70 a obra *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trata-se de uma importante referência para estudos literários de língua inglesa pois, salienta o autor: “deve ficar claro que a experiência inglesa é especialmente significativa, na medida em que uma das transformações decisivas nas relações entre campo e cidade ocorreu na Inglaterra muito cedo, e num grau tão acentuado que, sob certos aspectos, não encontra paralelo” (WILLIAMS, 2011, p. 12).

Para Williams (2011), toda a produção literária da Inglaterra era marcada pela oposição de dois ambientes: o campo e a cidade. No entanto, o crítico inglês assume uma posição no qual será seu ponto de partida: o espaço rural e o tempo passado. Ambos estão

representados na literatura e têm relação intrínseca com a cultura judaico-cristã acerca do Éden, o primeiro meio natural que o homem tem contato.

Cada escritor, em seu determinado contexto, reproduziu a sua concepção de campo. Raymond passeia pela história da literatura inglesa, através da metáfora da escada rolante, o quanto o homem tende a crer que a geração anterior era a melhor forma de vida campestre em relação ao tempo presente. Podemos verificar essa acepção através de obras de “Thomas Hardy, escritos entre 1871 e 1896 e referindo-se à Inglaterra rural das décadas que se seguiram a 1830”, como também George Eliot, em *Silas Marner* (1861), como também em “*The mill on the Floss* (1860) e *Felix Holt* (1866), [...] estavam examinando a velha Inglaterra rural da década de 1820” (WILLIAMS, 2011, p. 23).

Williams (2011) continua o passeio pela escada rolante e percebe que Cobbett, entre 1820 e 1830, “relembrava os tempos mais felizes da Inglaterra rural de sua infância, durante as décadas de 70 e 80 do século XVIII” (p. 23). O conceito de Velha Inglaterra vai se distanciando ainda mais até retrocedermos em Philip Massinger, em 1620. A viagem ao passado continua e pausa na Idade Média. Williams (2011) nos chama a atenção à seguinte questão: “Até onde nos levará essa escada rolante? Uma resposta óbvia: ao Éden; mais adiante teremos de voltar a esse jardim tão conhecido” (p. 27). Williams chega à conclusão de que o homem está em constante nostalgia com os acontecimentos pertencentes ao passado, que de tanto retroceder só nos resta o paraíso edênico.

Williams (2011) parte do bucolismo, como uma busca pelas origens da literatura inglesa. Notamos que a poesia bucólica inglesa provém da tradição da sociedade dos Antigos Clássicos, como por exemplos na obra de Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*, no século IX a.C. Assim, Williams (2011, p. 31) explica:

E o que vamos encontrar nessa obra, numa estrutura muito específica de costumes e crenças, é uma epopeia da lavoura, no sentido mais amplo do termo: a prática da agricultura e do comércio do contexto de uma forma da vida em que prudência e o esforço são considerados as virtudes fundamentais.

Na perspectiva da Ecocrítica, sobre o bucolismo, Garrard (2006) reconhece que “nenhum outro tropo está tão profundamente arraigado na cultura ocidental, nem é tão profundamente problemático para o ambientalismo” (p. 54). Garrard (2006) baseia seus argumentos a partir da perspectiva de Terry Gifford¹⁰, pois este entende que as produções

¹⁰ GIFFORD, Terry. “A Ecocrítica na mira da crítica atual”. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/viewFile/11049/8065>>. Acessado em: set. 2018.

artísticas representadas no cenário rural denomina-se com o tema pastoral, cuja divisão é feita em três partes. A primeira parte trata da pastoral clássica, que inclui toda a literatura pastoril até o século XVIII. Partindo dos textos de Teócrito, *Idílios*, notamos que o “surgimento do idílio bucólico tem estreita correlação com a urbanização em larga escala do período helênico” (p. 56). Garrard ressalta ainda que “a pastoral usou frequentemente a natureza como uma localização ou como um reflexo das vicissitudes humanas” (p. 56). Em linhas gerais, a pastoral trata do refúgio ao meio natural, a paisagem é um cenário nostálgico e utópico. E conclui, “a pastoral clássica, portanto, inclinava-se a distorcer ou a mistificar a história social e ambiental, ao mesmo tempo fornecendo um *locus*, legitimado pela tradição, para os sentimentos de perda e alienação da natureza que seriam produzidos pela Revolução Industrial” (p. 62).

A segunda parte compreende o período da literatura romântica na Inglaterra, cuja produção artística é diretamente vinculada à Revolução Industrial. Gifford compreende que “entre o campo e a cidade destaca-se a pastoral romântica, numa época em que a urbanização em massa tornou relevantes esses contrastes para um número muito maior de pessoas do que antes” (*apud* Garrard, 2006, p. 55). Nesse período, é importante ressaltarmos que a Inglaterra se encontrava em seu mais alto grau de progresso econômico, portanto o refúgio do qual os poetas tratam nesse momento de literatura pastoral identifica-se com a possibilidade de confrontar a realidade que os cerca. Podemos citar o poema de Wordsworth, *Michael, a Pastoral Poem*, cuja sua importância no romance *Silas Marner* analisaremos no capítulo seguinte. Garrard (2006, p. 64) cita o trabalho de Roger Sales que analisou as implicações do poema de Wordsworth na coletânea de ensaios críticos de John Williams, *Wordsworth: Contemporary Critical Essays*:

Ele [Roger Sales] compara o poema de Wordsworth a um “garoto propaganda” cínico, que usa imagens da jovial da mulher de um lavrador, “trabalhando numa antiga roda de fiar”, para nos vender “antiquadas meias tricotadas à mão”, e então pergunta: “Que é que Wordsworth tenta vender em ‘Michael’?” (1993, p. 97-98). A resposta à sua pergunta retórica é: uma visão harmoniosa da independência e da fortaleza rurais, que esconde um mundo impiedoso em que as pessoas são compradas e vendidas em feiras de contratação e no qual a posse consuetudinária da terra mantém os “estadistas” de Cumberland, como Michael, numa situação de vassalagem feudal aos aristocratas locais, que não, obstante, são igualmente hábeis nas formas de exploração capitalistas baseados no salário.

O poema de Wordsworth, *Michael, a Pastoral Poem*, serve como exemplo para mostrarmos que a pastoral do período do Romantismo inglês aplica-se a “qualquer literatura

que descreva o campo num contraste implícito ou explícito com o urbano”, assim assinalara Terry Gifford (1999, p. 2, *apud* GARRARD, 2006, p. 54). Logo, observamos que o poema *Michael* “diz respeito às relações familiares e às afeições domésticas dos protagonistas humanos” (GARRARD, 2006, p. 67). Dessa forma, compreendemos que o contraste assinalado por Terry Gifford utiliza o cenário natural para retratar essa troca de lados, explícito e implícito, o modo como as implicações políticas, sociais e econômicas agem na vida dos personagens.

A terceira parte da pastoral explorada por Gifford trata-se do sentido pejorativo da palavra pastoral. Esse sentido é proveniente das críticas marxistas ao romantismo. Em outras palavras, veremos aqui as relações de trabalho no campo, a perspectiva social e as minorias étnicas. A pastoral estadunidense seguiu uma trajetória distinta em relação à britânica, que identificou Henry David Thoreau como uma figura-chave, cuja obra *Walden* (1854) é uma resposta a um momento em que as tensões entre a expansão do progresso ferroviário em prol da interiorização do país e o refúgio do homem no campo entram em confronto. Nesse sentido, Garrard (2006, p. 75) aponta que:

Os ecocríticos britânicos tiveram de enfrentar o desafio marxista, ao passo que as interpretações norte-americanas na pastoral responderam à crítica feita sobretudo por críticos feministas e multiculturalistas. O que dá um cunho pejorativo à “pastoral”, para os norte-americanos, não é a ratificação de uma ordem social opressiva, identificada com uma aristocracia fundiária, mas sua identificação com uma agressão colonial masculina, voltada contra as mulheres, os indígenas e a terra.

No que tange ao período Romântico da literatura norte-americana, e que destoa significativamente da tradição pastoril inglesa, é a ênfase das experiências individuais do sujeito, no sentido de o protagonista deixar “a civilização para se encontrar com a natureza não humana, e então retorna, depois de experimentar uma epifania e uma renovação” (GARRARD, 2006, p. 75). É interessante notarmos que essa perspectiva trazida pelos transcendentalistas americanos, incluímos aqui também o ensaio de Ralph Waldo Emerson, *Natureza*¹¹, endossa a diferença entre o entendimento de pastoral entre os americanos e ingleses. Enquanto o Reino Unido, e podemos perceber isto em toda Europa Ocidental, passava por um momento de transição entre as tradições econômicas ruralistas estabelecidas pela aristocracia; no outro lado do Atlântico, notamos que a realidade estadunidense, “que

¹¹ EMERSON, Ralph Waldo. “Nature”. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturemunroe00emerrich/page/n0>>. Acessado em: ago. 2018

emergiu no século XIX em meio a uma industrialização maciça, pode tentar fazer a mediação entre valores rivais” (GARRARD, 2006, p. 76). Tais valores estariam vinculados à “contradição entre o mito rural e a realidade tecnológica” (Buell¹², 1964, p. 354, *apud* GARRARD, 2006, p. 76). Em outras palavras, o apontamento levantado por Buell significa dizer que a sociedade norte-americana passava pela incursão do progresso de modernização do país através da construção da malha ferroviária contrapondo com o isolamento na natureza retratado em *Walden*, de Thoreau.

Assim exposto as três partes sobre a pastoral, nossa análise está focada na perspectiva da pastoral romântica desenvolvida por Wordsworth no final do século XVIII. Vinculado a isso, veremos que George Eliot, que tinha a literatura de Wordsworth em alta estima, tem o propósito de resgatar os princípios do bucolismo romântico em *Silas Marner*. Assim, nessa obra podemos verificar que as questões materiais e os valores humanos estão intrinsecamente vinculados ao meio natural. Dessa forma, é que dirigimos nosso olhar para o próximo capítulo, que vai tratar da aproximação entre Eliot e Wordsworth.

¹² Lawrence Buell é considerado um pioneiro na pesquisa ecocrítica norte-americana.

2. APROXIMAÇÃO ENTRE ELIOT E WORDSWORTH

2.1 Wordsworth: *Preface to Lyrical Ballads*, a natureza do/no poeta

O Período Romântico é cronologicamente marcado entre os anos de 1798 a 1832. Sobretudo, antes de atermos sobre o estudo de William Wordsworth, um dos poetas mais influentes da literatura inglesa, seria importante fazer uma explanação do contexto histórico acerca do termo que classifica tal escola literária, para entendermos as implicações do poeta em questão a respeito da sua visão de mundo contempladas em sua obra.

O ano de 1798 é marcado como o início do Período Romântico por causa da publicação do livro de poemas *Lyrical Ballads*, de William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge. No entanto, precisamos compreender que os ideais românticos já vinham sendo construídos desde a Revolução Francesa, em 1789, e a publicação do prefácio da referida obra a consolidou como sendo a primeira expressão artística do Romantismo inglês.

A produção poética de Wordsworth é conhecida no período romântico como pastoral, como já explicitamos no capítulo anterior. É nesse contexto entre o avanço das máquinas industriais e um recuo para o campo, que a poesia de Wordsworth se manifesta, pois corroboram com as transformações sociais, políticas e econômicas provenientes da industrialização inglesa; como por exemplo, a urbanização em massa.

Este foi um período turbulento, durante o qual a Inglaterra experimentou a provação da mudança de uma sociedade essencialmente agrícola, onde a riqueza e o poder se concentraram na aristocracia rural, para uma nação industrial moderna, na qual o equilíbrio do poder econômico mudou para empregadores em grande escala, que se viram contra uma classe trabalhadora imensamente e cada vez mais inquieta¹³. (ABRAMS, 1974, p. 1.) [tradução nossa]

O capitalismo industrial deixava à margem as classes menos favorecidas, como por exemplo, nas zonas urbanas temos a crescente classe operária; e, por outro lado, as zonas rurais estão sofrendo com o êxodo rural e a crescente intromissão do progresso, proveniente

¹³ “This was a turbulent period, during which England experienced the ordeal of change from a primarily agricultural society, where wealth and power had been concentrated in the landholding aristocracy, to a modern industrial nation, in which the balance of economic power shifted to large-scale employers, who found themselves ranged against an immensely and increasingly restive working class.”

do industrialismo, a partir das construções de estradas, ferrovias e do gradativo desmatamento para o avanço da agropecuária. Esse fator transformou o modo de Wordsworth ver o mundo e projetá-lo em sua poesia. Nesse contexto, ele assume um papel importante em sua produção poética.

Os poemas românticos habitualmente impregnam a paisagem com a vida humana, a paixão e a expressividade. Em parte, tais descrições representam o equivalente poético do conceito metafísico da natureza, que se desenvolveu em revolta deliberada contra as visões de mundo dos filósofos científicos dos séculos XVII e XVIII, que haviam proposto como realidade última um mundo mecânico constituído de partículas físicas. em movimento¹⁴. (ABRAMS, 1974, p. 8) [tradução nossa]

Lyrical Ballads e o Prefácio, portanto, compõem um material que quebraria o paradigma literário em três formas, a saber: estrutura estética, linguagem e tema. Em outras palavras, podemos explicar esses termos da seguinte forma: *Lyrical Ballads* identificar-se-á, primeiro, com uma linguagem mais leve, em contraposição com a linguagem rebuscada referente ao período anterior, o Neoclassicismo, como podemos notar na linguagem oral dos homens rurais que são vistos como marcas da identidade de uma parcela da sociedade não voltada para a vaidade retórica. Em seguida, é possível verificar expressões que induzem o ser a se harmonizar com a natureza. Nesse aspecto, vemos o lugar da natureza como cenário principal; em outras palavras, a natureza representa o papel de um protagonista, e o eu-lírico e a linguagem são coadjuvantes. Por último, vemos o individualismo, que provoca no homem paixões singulares, ou seja, o eu-lírico entra em comunhão com a natureza e externa suas emoções e sentimentos sublimes em meio ao bucolismo. Vejamos, portanto, no Prefácio, como Wordsworth (ABRAMS, 1974, p. 159) se posiciona acerca de sua poesia:

O objeto principal, então, proposto nesses poemas era escolher incidentes e situações da vida comum, e relacioná-los ou descrevê-los, por toda parte, tanto quanto fosse possível em uma seleção de linguagem realmente usada pelos homens, e, ao mesmo tempo, para jogar sobre eles uma certa coloração da imaginação, por meio da qual as coisas comuns devem ser apresentadas à mente em um aspecto incomum; e, além disso, e acima de tudo, tornar esses incidentes e situações interessantes traçando nelas, verdadeiramente embora não ostensivamente, as leis primárias de nossa

¹⁴ “Romantic poems habitually imbue the landscape with human life, passion, and expressiveness. In part such descriptions represent the poetic equivalent of the metaphysical concept of nature, which had developed in deliberate revolt against the world views of the scientific philosophers of the seventeenth and eighteenth centuries, who had posited as the ultimate reality a mechanical world consisting of physical particles in motion.”

natureza: principalmente, no que diz respeito à maneira como associamos idéias em um estado de excitação¹⁵. (tradução nossa)

Wordsworth, em “Preface to *Lyrical Ballads*”, materializa em forma de manifesto uma defesa de arte poética, livre das amarras rígidas do neoclassicismo, no qual o poeta posiciona e deixa a natureza correr seu percurso livremente tal qual um rio descendo pelo vale. Assim, a boa poesia para Wordsworth atinge a um grau de “transbordamento espontâneo de sentimentos poderosos”¹⁶ (ABRAMS, 1974, p. 160) [tradução nossa].

2.2 Eliot: uma mulher de vários nomes

Não podemos menosprezar um breve passeio biográfico sobre George Eliot sem contextualizá-la no período em que a escritora decidiu alcunhar tal nome às suas obras ficcionais. Contudo, antes de se tornar George Eliot, a escritora mudou de nome várias vezes, e cada mudança de nome representava uma transformação em sua vida.

Em 22 de novembro de 1819, em Warwickshire, Inglaterra, nasceu Mary Anne Evans, nome de batismo dado pelos seus pais. Uma mulher nascida em plena efervescência da Era Vitoriana, no qual o país passava por inúmeras transformações políticas, como a consolidação do Império Britânico na figura da jovem rainha; sociais, como o crescimento das classes burguesa e operária e o início do enfraquecimento da aristocracia; e, por fim, econômicas, como a Segunda Revolução Industrial, que trouxe um novo modelo de capitalismo.

Mary Anne Evans fora criada longe dos grandes centros urbanos, sua infância e juventude fora marcada por uma ligação familiar conservadora e moralista, esses dois aspectos ajudaram a construir a personalidade da escritora. A família Evans vinha de uma linhagem comum de classe média do interior da Inglaterra sem nenhum traço aristocrático, o pai era administrador de grandes terras rurais e seguidor das normas rígidas compostas

¹⁵ “The principal object, then, proposed in these Poems was to choose incidents and situations from common life, and to relate or describe them, throughout, as far as was possible in a selection of language really used by men, and, at the same time, to throw over them a certain colouring of imagination, whereby ordinary things should be presented to the mind in an unusual aspect; and, further, and above all, to make these incidents and situations interesting by tracing in them, truly though not ostentatiously, the primary laws of our nature: chiefly, as far as regards the manner in which we associate ideas in a state of excitement.”

¹⁶ “spontaneous overflow of powerful feelings”

pela Igreja Anglicana. Mary Anne Evans fora enviada para colégios de meninas onde recebera educação formal. Os anos passados em instituições educacionais, cujas professoras foram extremamente influenciadoras no primor aos estudos na educação literária, ampliação de seus interesses por assuntos religiosos e aprofundamento e rigor na escrita formal da língua inglesa, renderam a Mary Anne Evans, na vida adulta, a habilidade de desenvolver seu ofício como escritora.

Por volta de seus 18 anos, a jovem Mary Anne encontra-se órfã de mãe e responsável por cuidar do pai, já que é a filha caçula e solteira. Não podemos deixar de mencionar que na época Vitoriana, as mulheres estavam expandindo seus horizontes para além de uma vida doméstica. No entanto, mulheres que se encontravam nas mesmas condições sociais que Mary Anne Evans vislumbravam o casamento como sendo a melhor forma de assegurar uma vida financeira confortável. Apesar da excelente educação formal que recebera, o que era incomum para mulheres na época, Mary Anne Evans sentia-se acuada em sua própria condição. “Para uma menina com inteligência e sensibilidade extraordinárias, era uma prisão [...] ao mesmo tempo que adorava o pai e vivia uma vida privilegiada como filha de um homem de sucesso, ela se conscientizava das restrições que lhe eram impostas” (KARL, 1998, p 32).

A ocupação do posto de mulher da casa, após a morte da mãe fora encarada por Mary Anne Evans como um tipo de metamorfose. Vemos, portanto, que houve um estreitamento nas suas ligações religiosas, pois ela se ocupou com mais intimidade aos preceitos do anglicanismo. Ademais, ocupações e obrigações em sua nova posição familiar deram a Mary Anne Evans a liberdade de mudar de nome pela primeira vez. “Ao assinar o registro de dama-de-honra [do casamento da irmã Chrissey], Mary Anne suprimiu o ‘e’ final de seu nome e tornou-se Mary Ann” (KARL, 1998, p. 62).

No período dos 20 aos 30 anos foram de grandes transformações para Mary Ann. Em Coventry, Inglaterra, ela teve a oportunidade de expandir suas crenças religiosas. O contato com a sociedade de Coventry traz uma mudança de paradigma nos ideais de Mary Ann, que já se sentia confusa com os dilemas religiosos, que acaba batendo de frente com os preceitos religiosos do pai. Sendo assim, por respeito ao pai, sufoca suas novas posições religiosas até a morte do senhor Evans.

Um pouco depois do sepultamento do pai, Mary Ann, aos 30 anos, viaja para Genebra e, em seguida, passa a morar em Londres, com a intenção de se tornar escritora. A partir daqui, nota-se que há uma nova alcunha, uma outra metamorfose na vida da escritora: Marian Evans. A pessoa que desabrochava agora era de uma mulher em meio à uma neblina em

busca de si mesma. “A Mary Ann interior estava se transformando em algo novo, mais ainda indefinível. Alguma resolução tinha sido tomada, um ato de determinação estava presente, mas nada disso transparecia ainda” (KARL, 1998, p. 157).

Aos 30 anos Mary Ann tinha plena consciência de que não teria uma vida como a de muitas mulheres de sua época. Ela realizava trabalhos de tradução em alemão e italiano, esses trabalhos renderam-lhe notoriedade e ela foi convidada a ser sub-editora da *Westminster Review*. Explicaremos este momento da escritora mais adiante na próxima seção.

Em 1851, no período que George Eliot estava no *Westminster Review*, ela conhece o filósofo e crítico literário George Henry Lewes, e três anos depois eles assumem uma união estável. Embora Lewes ainda fosse judicialmente casado, George Eliot passa por cima de todas as barreiras sociais e permanece com Lewes como sua esposa, a tal ponto de referir-se a si mesma como senhora Lewes. Eliot foi sua companheira até a morte dele em 1878.

Não podemos deixar de mencionar que sua vida particular e profissional nesse período também é crucial para seu amadurecimento. Ela e Lewes decidiram refugiar-se nas zonas rurais da Inglaterra, para que sua vida privada não fosse alvo dos olhares indiscretos da sociedade vitoriana.

Suas antecessoras Mary Wollstonecraft (1759 – 1797), Jane Austen (1775 – 1817), Mary Shelley (1797 – 1851) já haviam deixado suas marcas na literatura inglesa, no entanto Mary Anne, Mary Ann e Marian Evans para sua família, decidiu adotar o pseudônimo masculino George Eliot, com a justificativa de, primeiro, proteger sua identidade pessoal e, segundo, queria deixar claro que sua escrita não era uma literatura somente para mulheres, considerada como uma literatura de baixo teor literário, e sim para a sociedade britânica. O pseudônimo masculino dar-lhe-ia a credibilidade que queria perante à sociedade e a crítica literária.

2.3 Aproximação em Eliot e Wordsworth

Adam Bede é o primeiro romance de George Eliot, que foi publicado em 1859, no mesmo ano em que completara seu quadragésimo aniversário. Nessa idade, George Eliot já contava com vasta experiência em publicações em periódicos londrinos, críticas literárias, ensaios e traduções, tais como: *The Life of Jesus, Critically Examined*, traduzido do alemão

a obra de David Strauss (*Das Leben Jesu, kritisch bearbeitet*), em 1846 e *The Essence of Christianity*, traduzido do alemão a obra de Ludwig Feuerbach, em 1854. George Eliot também publicou um livro de três contos chamado *Scenes of Clerical Life*, 1857. Nesse sentido, percebemos que o decênio de 1850 foi de extrema importância para seu amadurecimento como escritora. Ela também teve contato com as obras de Thoreau, *Walden*, em 1854, e Darwin, *A evolução das espécies*, em 1859. Assim, “ela estava lutando para atingir uma clareza de estilo o que sempre foi para ela uma questão difícil” (KARL, 1998, p. 272).

A intimidade e a desenvoltura que George Eliot tinha com a pena e o papel e a sua decisão de refugiar-se no campo rendeu-lhe arcabouço necessário para o início de uma carreira como escritora romancista. O refúgio no campo trouxe-lhe a necessidade de se auto afirmar como uma mulher que precisa externar, através da arte literária os conflitos sociais de sua época, sem deixar de criticar as condições humanas e naturais.

Todas as suas faculdades estavam se juntando e tornando-se mais do que “observações”; em vez disso, elas estavam sendo forjadas num ponto de vista, num estilo, num modo de avançar para a sua incomparável espécie de realismo. E mais: a presença da influência de Wordsworth é poderosa aqui, e ela permaneceu, com sua crença no povo, sua fé na ordem natural das coisas, sua dedicação à observação do comum e do trivial, embora às vezes Marian fosse cáustica com os excessos dessa influência. (KARL, 1998, p. 285)

Eliot é uma escritora realista ao retratar em seus romances as condições sociais dos personagens sem acrescentar os floreios das características do Romantismo, contudo em *Silas Marner*, Wordsworth está presente nas descrições “dos bosques, lar, pedreira, plantas, flores e estações, tudo isso é uma continuação da atividade humana, e salienta o entrelaçamento das vidas e seu ambiente” (KARL, 1998, p. 451). Ela é categórica quanto à sua opinião acerca da influência da pintura romântica:

Os lavradores idílicos são alegres [para tais pintores] quando dirigem seus cavalos pelo campo; pastores idílicos fazem amor timidamente debaixo de moitas de espinheiro; os idílicos habitantes da aldeia dançam na sombra respingada de sol e se refrescam, sem moderação, com cerveja escura temperada. Contudo, ninguém que tenha visto muitos dos reais lavradores os considera alegres; ninguém, que não conheça bem os camponeses ingleses pode chamá-los de felizes. O olhar cansado, onde não brilha o sentimento de beleza, onde não cintila o humor – a fala lenta, e o pesado andar arrastado, lembram mais um melancólico camelo do que um saudável homem do campo. (Eliot *apud* KARL, 1998, p. 286)

Com essas considerações em mente, notamos o seu olhar realista e ao mesmo tempo romântico na epígrafe contida em *Silas Marner*. Pois, o fragmento trata-se de um poema de Wordsworth, *Michael A Pastoral Poem*. Tal citação indica que George Eliot é uma escritora consciente do seu próprio tempo, contudo transita nos ideais de seus antecessores Românticos.

A criança mais do que qualquer outra dádiva
que a terra possa dar a um homem que envelhece,
traz consigo esperança e faz vislumbrar o futuro.¹⁷
(*Silas Marner*, Epígrafe¹⁸)

Esse período de transição, final do Romantismo e início do Realismo, no qual se encontra George Eliot é confirmado através dessa epígrafe que ilustra um momento no qual uma criança é vista como a semeadora da esperança para um futuro melhor. No entanto, *Michael: A Pastoral Poem*, de Wordsworth, retrata um cenário bucólico e um final que denuncia claramente as sequelas de uma sociedade atingida pela Revolução Industrial.

O poema inicia com a descrição de um cenário rural. Esse preâmbulo conduzido pelo eu-lírico convida o leitor a sentir as mesmas emoções que Michael sente ao contemplar a simplicidade daquela região. Podemos perceber que o eu-lírico conduz a ideia de comunhão entre Michael e a natureza.

Se da maneira pública você virar seus passos
Até o tumultuado riacho de Greenhead Ghyll,
Você vai supor que com um caminho vertical
Seus pés devem lutar; em tal subida ousada
As montanhas pastorais estão diante de você, face a face.
Mas coragem! por esse ribeiro turbulento
As montanhas se abrirem,
E fez um vale escondido deles próprios.
Nenhuma habitação pode ser vista; mas eles
Quem viajam para lá encontram-se sozinhos
Com algumas ovelhas, com rochas e pedras e pipas
Essa sobrecarga está navegando no céu¹⁹ (tradução nossa)
(WORDSWORTH, p. 1)

¹⁷ “A child, more than all other gifts / That earth can offer to declining man, / Brings hope with it, and forward-looking thoughts”

¹⁸ Todas as citações traduzidas referentes à obra *Silas Marner* são retiradas do seguinte exemplar: ELIOT, G. *Silas Marner: o tecelão de Raveloe*. Trad. Juliana Romeu. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2017.

¹⁹ “If from the public way you turn your steps / Up the tumultuous brook of Green-head Ghyll, / You will suppose that with an upright path / Your feet must struggle; in such bold ascent / The pastoral mountains front you, face to face. / But, courage! for around that boisterous brook / The mountains have all opened out themselves, / And made a hidden valley of their own. / No habitation can be seen; but they / Who journey thither find themselves alone / With a few sheep, with rocks and stones, and kites / That overhead are sailing in the sky.”

Mais adiante o eu-lírico menciona que nesse lugar bucólico pertence uma história triste que aconteceu quando ele era criança. Sua narrativa dirige-se às pessoas que têm sensibilidade e sintonia com a natureza e a humanidade. Esse entendimento é essencial para a apreciação do poema, porque Michael, personagem principal do poema, é um homem do campo, que tem uma visão holística ambiental.

A narrativa do poema desenrola-se sobre a relação entre Michael e seu filho Luke, que nasceu quando o pai já atingira à idade madura. Observamos no poema, através de uma linguagem clara e objetiva, que a criança se transforma num adulto corrompido pelas mazelas de uma sociedade que está deixando suas tradições e costumes simples e rurais para a crueldade da sociedade urbana.

Por outro lado, em *Silas Marner*, vemos que Eliot tem uma linguagem realista e a presença da Revolução Industrial na sociedade é retratada de modo sutil ao longo do romance. Eliot constrói um cenário bucólico similar a um conto de fadas, contudo ela transmite ao longo da narrativa as consequências da Revolução Industrial e a transformação que esse movimento sócio, político e econômico está provocando na vida dos moradores rurais no romance. Esse aspecto será analisado no próximo capítulo.

Ao compararmos o poema de Wordsworth e o romance de George Eliot, observamos alguns pontos convergentes e outros divergentes. Ambos os personagens, Michael e Silas, se associam ao cuidado e zelo pela família. Enquanto Michael é casado e tem um filho, Luke, Silas é um homem solitário que adota uma menina, Eppie. Ambos também compartilham da mesma uniformidade com a natureza, eles vivem no meio rural, têm relação intrínseca com o meio ambiente. Michael detecta os sinais dos ventos e das montanhas acerca do que acontece ao seu redor. E, por fim, ambos congregam das mesmas perspectivas religiosas, ou seja, eles acreditam nas bênçãos da Providência Divina. Michael mostra-se temente a Deus quando ele se sente abençoado pelas coisas que tem e quando percebe que perde seu filho para a sociedade corrompida urbanizada; para Michael, Deus não o abandonou. Por outro lado, Silas pertencia a uma comunidade religiosa em sua cidade natal, após um mal-entendido ele é banido pela sociedade e sente que Deus o deixara desprovido de Sua proteção. No entanto, quando Silas adota Eppie, ele percebe que a comunidade de Raveloe espera que ele participe das atividades religiosas, seja pelo bem da relação entre ele e Eppie, seja pela relação entre ele e a comunidade de Raveloe.

A discrepância entre Michael e Silas está na estrutura do enredo de cada obra. Em *Michael*, o personagem é ilustrado em sua melhor fase de vida, verificamos sua relação

estreita com a família e a natureza, contudo a narrativa segue para um final triste e melancólico. Em contrapartida, em *Silas Marner*, após o incidente em sua cidade natal, Silas refugia-se em Raveloe e torna-se um homem descrente de Deus e da humanidade. A reviravolta em sua vida acontece com a chegada de Eppie e o romance termina com Silas resgatando sua em comunhão com Deus e com a sociedade.

Nessa perspectiva, recaímos num dos questionamentos desse trabalho, sobre a intenção que levou Eliot a escolher o poema de Wordsworth, *Michael: a Pastoral Poem*, e especificamente aquele determinado excerto como epígrafe do romance *Silas Marner*. Observa-se claramente que a epígrafe gira em torno de três elementos: *child*, *earth* e *hope*.

Assim, podemos estabelecer um paralelo entre *Michael* e *Silas Marner* através das três palavras: *child*, *earth* e *hope*. Em *Michael* as três palavras retratam explicitamente as esperanças e as consequências de uma sociedade doente, mental e fisicamente, por causa da Revolução Industrial. Tal entendimento nos soa estranho, pois os poetas românticos que exaltavam os ideais franceses de liberdade, fraternidade e igualdade, refugiavam no idílio bucólico seus eu-líricos, porém eles são reféns de um sistema econômico que o único lugar que eles se veem seguros está na contemplação de um cenário bucólico. Por outro lado, em *Silas Marner*, vemos esses mesmos elementos retratados por meio de personagens em situações semelhantes à realidade sob a perspectiva de um cenário bucólico, ou seja, os personagens estão à frente do cenário. No entanto, são nas atitudes desses personagens que verificamos as sequelas da Revolução Industrial na cidade de Raveloe, não vemos aqui o ideal bucólico entre homem e natureza, mas sim uma representação do real.

Pela observação dos aspectos apresentados, a escritora deixa refletir, através do romance, seus ideais realistas por meio de uma perspectiva sutil de criticar os efeitos causados pela Revolução Industrial na sociedade retratada nos seus personagens.

3. ANÁLISE DO ROMANCE À LUZ DA ECOCRÍTICA

3.1. Do homem-máquina ao homem-natureza: personagem, espaço e natureza

“Desde a época que me enviaram a criança e eu passei a amá-la como a mim mesmo, meu caminho ficou iluminado e eu voltei a ter confiança.”^{20 21} (p. 234)

Silas Marner é um dos romances de George Eliot no qual podemos verificar traços de sua biografia presentes na obra. Um desses aspectos está na apresentação inicial do romance, no que se confere à descrição do espaço e do tempo na narrativa. O personagem protagonista, Silas Marner, é um tecelão, vindo de uma cidade grande e morador da vila de Raveloe.

Verificamos, então, que a profissão de tecelão era uma realidade na vida de George Eliot, pois ela vivia nas proximidades de uma comunidade de tecelagem quando ainda morava em Griff, sua primeira residência até os vinte e poucos anos de idade. Eliot percebia sensivelmente as mudanças causadas pelo processo de industrialização ao seu redor, assim tais mudanças geraram nela um olhar diferenciado em relação às classes trabalhadoras. Essa posição política dela era oposta aos pensamentos conservadores de Robert Evans, seu pai. Mesmo assim, George Eliot escreveu um romance que, de certa forma, homenageou essa parcela marginalizada da sociedade inglesa. Assim compreende Karl (1998, p. 451) sobre o tema:

Marner tece, e Eliot o prende numa teia atrás da outra, quase todas ligadas à vida das classes mais baixas ou das classes trabalhadoras [...] Em nenhum outro livro Eliot tentou tão determinadamente dramatizar a monótona vida de pessoas para quem acontecimentos surpreendentes são quase desconhecidos, embora essas vidas se esforcem para não criar um mundo “irreal” ou misterioso.

Nesse sentido, podemos ressaltar que Eliot envolvia-se com o movimento Romântico Inglês como grande influenciador na criação de seus personagens e situações comuns no protagonismo das ações; por outro lado, a sua veia Realista era responsável por fazer com que o leitor não se perdesse num mundo “irreal ou misterioso”, do qual os românticos prezavam. Assim a produção literária de Eliot incluía em suas obras os cenários sociais provenientes da Revolução Industrial. Como exemplo

²⁰ Optamos por deixar o texto fonte em português no *corpus* do trabalho com a finalidade de gerar uma fluência na leitura. Esclarecemos que utilizamos o texto traduzido por Juliana Romeu e nas notas de rodapé encontram-se os textos em inglês da edição da Penguin Books (ver referências).

²¹ “Since the time the child was sent to me and I’ve come to love her as myself, I’ve had light enough to trusten by.” (p. 241)

disso, George Eliot retratava em seus romances o mundo dividido em duas partes: rural e urbano. Williams (2011, p. 11) nos explica como os termos, rural e urbano, se comportam não só diante da sociedade como também na literatura:

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de idealizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como barulho, mundanidade e ambição; o campo no lugar do atraso, ignorância e limitação.

A dualidade exposta por Williams (2011) acerca dos espaços é notadamente percebida em *Silas Marner*. Como já explicitamos acerca da dicotomia entre campo e cidade, notamos que o narrador abre o romance e situa o leitor numa época distante²², na zona rural pastoril inglesa do início do século XIX, a chamada vila de Raveloe, onde Marner estabelece morada, é habitada por moradores que viam com desconfiança quaisquer pessoas forasteiras vindas de grandes cidades.

Para os camponeses de antigamente, o mundo do qual não tinham uma experiência direta era uma região vaga e misteriosa: em suas mentes tacanhas, a vida na estrada era tão obscura quanto a vida levada durante o inverno pelas andorinhas que só ressurgiam na primavera²³. (ELIOT, 2017, p. 10)

Devemos ressaltar que Eliot enriquece o romance com elementos que se referem à natureza, que são ressonâncias do romantismo de Wordsworth; e, ao mesmo tempo, na descrição dos personagens utiliza-se de uma linguagem simples e direta, sem inibir as suas falhas humanas. No que refere ao espaço, Raveloe é a típica comunidade rural do “atraso, ignorância e limitação”, da qual Williams (2011) assinalara. Logo, vejamos como a cidade é apresentada para o leitor do romance:

Raveloe era uma aldeia onde muitas das crenças resistiam, na falta de novas vozes. Não que fosse uma daquelas paróquias áridas à margem da civilização, habitadas por ovelhas magras e pastores esparsos. Ao contrário: ficava bem no centro da rica planície central do país que gostamos de chamar de Querida Inglaterra, e tinha fazendas que, de um ponto de vista espiritual, pagavam dízimos muito desejáveis. Mas encontrava-se encravada num baixo coberto de árvores, distante uma hora a cavalo de qualquer estrada, aonde não chegavam nem os rumores das carruagens nem da opinião pública [...] O que havia em Raveloe eram vários pequenos proprietários, com fazendas mal cuidadas que, naqueles ricos tempos de guerra, eram lucrativas o suficiente para permitir-lhes

²² Devemos lembrar que o romance fora publicado em 1861.

²³ “To the peasants of old times, the world outside their own direct experience was a region of vagueness and mystery: to their untraveled thought a state of wandering was a conception as dim as the winter life of the swallows that came back with the spring.” (ELIOT, 1967, p. 51)

viver vidas patuscas, celebrando com fartura o Natal, o Pentecostes e a Páscoa²⁴. (ELIOT, p. 12)

Na citação acima, o narrador nos chama à atenção para a questão da simplicidade pastoral e da tradição dos costumes que estão presentes em Raveloe. Quando se trata de uma comunidade baseada nas tradições, o que surge de novidade é visto com desconfiança e mistério. Observamos que o cenário idílico destoa com a aura de desconfiança que os aldeãos sobrepõem em torno do mistério que envolve os motivos que levaram Silas a se estabelecer em Raveloe e por ele também ser uma pessoa que não gosta de manter relações sociais com ninguém. Dessa forma, isso gerava entre os moradores da região argumentos que impossibilitam quaisquer tipos de comunicação. Sendo assim, o estigma de forasteiro de cidade grande não contribui em nada para a socialização de Marner no campo. Como um exemplo deste aspecto, observamos que ele não suportava que os meninos o bisbilhotassem através da janela enquanto ele trabalhava no tear. Pois, além dos mistérios que envolviam a presença de Silas Marner em Raveloe havia, também, o seu ofício como tecelão que era diferente de qualquer outra profissão que os camponeses exerciam lá.

O estranho som do tear de Silas, tão diferente do martelar alegre da máquina de peneirar o trigo, ou do ritmo mais simples do mangual, exercia um misto de medo e fascínio sobre os meninos de Raveloe, que muitas vezes deixavam de catar nozes ou caçar passarinhos para espiar através da janela do chalé de pedra²⁵. (p. 10)

Percebemos aqui dois símbolos que representam espaços distintos do romance: o tear e o martelo. O primeiro símbolo, apesar de ser manual, representa a presença do instrumento de trabalho do operário de fábricas das grandes cidades, do qual Silas é oriundo, enquanto que o segundo símbolo representa um instrumento de trabalho do homem no campo. Notamos que o adjetivo alegre remete a sensações positivas das atividades relacionadas ao campo, ou seja, não causa estranhamento algum entre os habitantes da comunidade. Por outro lado, o som produzido pelo tear causa estranhamento e curiosidade entre os camponeses.

O fluxo da narrativa faz uma pequena digressão para situar o leitor, revelando os motivos que levaram Silas Marner a se comportar dessa forma. Antes da chegada de Silas à cidade de Raveloe,

²⁴ “And Raveloe was a village where many of the old echoes lingered, undrowned by new voices. Not that it was one of those barren parishes lying on the outskirts of civilization — inhabited by meagre sheep and thinly-scattered shepherds: on the contrary, it lay in the rich central plain of what we are pleased to call Merry England, and held farms which, speaking from a spiritual point of view, paid highly-desirable tithes. But it was nestled in a snug well-wooded hollow, quite an hour’s journey on horseback from any turnpike, where it was never reached by the vibrations of the coach-horn, or of public opinion. [...], but that there were several chiefs in Raveloe who could farm badly quite at their ease, drawing enough money from their bad farming, in those war times, to live in a rollicking fashion, and keep a jolly Christmas, Whitsun and Easter tide.” (ELIOT, p. 53-4)

²⁵ “The questionable sound of Silas’s loom, so unlike the natural cheerful trotting of the winnowing-machine, or the simpler rhythm of the flail, had a half-fearful fascination for the Raveloe boys, who would often leave off their nutting or birds’-nesting to peep in at the window of the stone cottage.” (p. 52)

ele vivia numa grande zona urbana e industrial chamada *Lantern Yard*, frequentava assiduamente a capela²⁶, era um homem confiável, honesto e honrado. Tinha um amigo chamado William Dane e uma noiva chamada Sarah. Frequentemente, Silas tinha ataques epiléticos e isso o deixava constantemente consternado, pois a comunidade de *Lantern Yard* e, posteriormente a de Raveloe, associavam esses ataques epiléticos às coisas malignas ou sobrenaturais.

A vida perfeita de Silas desmoronou quando ele fora acusado injustamente de ter matado o pastor de *Lantern Yard* e de ter-lhe roubado todo o dinheiro que o religioso guardava. É importante entendermos que, na sua concepção religiosa, Silas crê num Deus que mostrará o caminho certo da verdade. Entretanto, Silas fora conduzido a um julgamento e condenado ao banimento de *Lantern Yard*. Tal fato deu-lhe a seguinte conclusão:

Silas se ajoelhou ao lado de seus irmãos, certo de que sua inocência seria provada através da interferência divina imediata, mas já naquele momento sentindo no fundo do coração uma tristeza imensa, pois sua confiança no ser humano fora profundamente abalada”²⁷ (ELIOT, 2017. p. 20).

Para Silas, fica claro que após o banimento de *Lantern Yard*, a descrença em Deus e nos homens e, acima de tudo, a descoberta de que fora seu próprio amigo, William Dane que armara toda a emboscada para ele com o propósito de se casar com Sarah, fora o suficiente para ele sufocar seus sentimentos a ponto de se desumanizar e quase transformar-se em uma máquina. E, no dia seguinte, Silas vira as costas para *Lantern Yard*, sua primeira referência de lar, que agora se transforma num espaço indesejável, de onde ele busca se afastar na tentativa de esquecer o mal que ali sofrera. Assim, Silas fixou residência em Raveloe e “se refugiou da descrença que o entorpecia entregando-se ao trabalho no tear, como era seu costume”²⁸ (p. 21).

Ao estabelecer-se em Raveloe, Silas inicia-se num processo de maquinização do indivíduo, pois entendemos que ele abdica de todas as propriedades que o qualifica como um ser humano e passa a tratar o próprio corpo e espírito como uma máquina que trabalha incansavelmente, pois ele “tecia como se fosse uma aranha, por puro impulso, sem refletir”²⁹ (p. 25). Além de acumular montantes de dinheiro, Silas é insensível às qualidades humanas, pois todos os seus esforços eram direcionados ao trabalho. Em outras palavras:

²⁶ Eliot refere-se aos dissidentes, que são pessoas que não seguiam o Anglicanismo. Enquanto os dissidentes frequentam a capela, os anglicanos, a igreja. No livro segue a seguinte passagem que faz referência à essa religião: “a narrow religious sect” (uma seita religiosa e estreita) (ELIOT, p. 56).

²⁷ “Silas knelt with his brethren, relying on his own innocence being certified by immediate divine interference, but feeling that there was sorrow and mourning behind for him even then — that his trust in man had been cruelly bruised”. (ELIOT, 1967, p. 61)

²⁸ “The second day he took refuge from benumbing unbelief, by getting into his loom and working away as usual;” (p. 62)

²⁹ “He seemed to weave, like the spider, from pure impulse, without reflection.” (p. 64)

Todas essas necessidades imediatas, junto com o ato de tecer, ajudavam a reduzir-lhe a vida à atividade inquestionável de um inseto em sua teia. Detestava pensar no trabalho; nada havia que despertasse seu amor ou sua amizade pelos estranhos entre os quais vivia; e o futuro era só negror, pois não havia um amor maior que revelasse por ele. O pensamento fora retido pela mais absoluta perplexidade, agora que suas antigas e estreitas sendas se tinham fechado, e a capacidade de amar parecia ter morrido sob a dor do ferimento que lhe atingira os nervos em cheio.³⁰ (p. 25).

Até mesmo a constituição física de Silas Marner assemelha-se a uma peça totalmente destituída das propriedades humanas:

Estranhamente, o rosto e o corpo de Marner se encolheram e se curvaram, assumindo uma constante relação mecânica com os abjetos de sua vida, de modo que ele dava a impressão de ser uma alça ou um tubo curvo, algo que não significa nada se não estiver acoplado àquilo de que faz parte.³¹ (p. 30)

Nesse momento da narrativa, o tear e a cabana de Silas representam espaços semelhantes à uma fábrica que funciona incansavelmente, em que somente as máquinas operam em favor da geração de lucro, e que não há momentos de descanso ou reflexão sobre seus atos. As transformações refletidas no exterior de Silas Marner são reflexos das suas transformações internas. Por exemplo, ao redor da cabana, Silas não dava a menor importância às sebes, ou às ervas que rodeavam o lugar, pois tudo que parecia representar o meio ambiente “pertenciam ao passado, do qual sua vida fora arrancada, como um riacho que tivesse deixado seu antigo leito relvado para se transformar num fio quase invisível, cortando não mais que uma ranhura no chão de barro”³² (p. 32).

Todas essas transformações que aconteceram com Silas em *Lantern Yard* resultarão num momento de aproximação entre os conceitos românticos do poeta Wordsworth e a linguagem realista de Eliot, pois ambos se congregam na perspectiva de encontrar a essência do indivíduo nos detalhes mais mundanos da vida. O narrador discorre e descreve uma paisagem exuberante de Raveloe, porém Silas se vale de toda essa grandeza da natureza para se esconder do mundo, isolado em sua casa, pois não se sentia mais parte dele. E somente o isolamento não só físico, como por exemplo, no trato com a sociedade, como também mental, como por exemplo, no tratamento que ele dava ao dinheiro. Vejamos algumas passagens que explicitarão melhor o que foi argumentado acima:

³⁰ “And all these immediate promptings helped, along with the weaving, to reduce his life to the unquestioning activity of a spinning insect. He hated the thought of the past; there was nothing that called out his love and fellowship toward the strangers he had come amongst; and the future was all dark, for there was no Unseen Love that cared for him. Thought was arrested by utter bewilderment, now its old narrow pathway was closed, and affection seemed to have died under the bruise that had fallen on its keenest nerves.” (p. 64-5)

³¹ “Strangely Marner’s face and figure shrank and bent themselves into a constant mechanical relation to the objects of his life, so that he produced the same sort of impression as a handle or a crooked tube, which has no meaning standing apart.” (p. 69)

³² “Belonged to the past, from which his life had shrunk away, like a rivulet that has sunk far down from the grassy fringe of its old breadth into a little shivering thread, that cuts a groove for itself in the barren sand.” (p. 70)

Nada podia ser mais diferente de sua cidade natal, de onde se divisava a linha das montanhas, do que aquela região baixa, de floresta densa, onde ele se sentia escondido até mesmo do paraíso, cercado por árvores e sebes. Nada havia de manhã e, ao espiar lá fora, via os espinheiros pejados de orvalho e as fileiras de tufo de capim, que pareciam ter qualquer relação com a vida no Pátio do Lampião, que um dia fora para ele o santuário da mais excelsa providência³³. (p. 23-4)

Vejamos a seguir outro exemplo acerca do modo como o narrador pouso seu olhar na descrição exuberante da natureza e, ao mesmo tempo, chama a atenção para as aflições internas que Silas estava passando:

Os pomares descuidados, pelo excesso de frutos; a enorme igreja junto ao vasto cemitério para os quais os homens olhavam de longe, descansando à porta de casa em plena hora da missa; as faces avermelhadas dos fazendeiros caminhando pelas estradas e entrando no Rainbow; as granjas onde os homens comiam suas refeições fartas e dormiam junto à lareira, e onde as mulheres pareciam dispostas a juntar um estoque de linho para uma vida inteira. Nenhuma palavra pronunciada por lábio de Raveloe seria capaz de despertar a fé adormecida em Silas Marner e fazê-lo sentir uma pontada de dor³⁴. (p. 24)

É em torno das aflições de Silas Marner que o narrador expõe toda a grandeza da natureza. Entretanto, o fato de Silas estar absorto em sua dor, a aproximação entre o homem e a natureza se esvai. Silas perde a capacidade de apreciar o belo, de ter sentimentos alegres. Seu único consolo está no trabalho e no acúmulo incessante de dinheiro que juntara por todos esses anos que morava em Raveloe. O tratamento que Silas dá às suas moedas de ouro assemelha-se a uma personificação divina aos seus olhos e, também, serve como alimento para seu espírito. Segue o trecho que sugere essa leitura:

Amava a todas [as moedas]. Espalhava-as em montes e neles mergulhava as mãos. Depois, contava-as e as arrumava em pilhas regulares, sentindo o formato arredondado entre os dedos. Pensava com ternura nos guinéus que estava prestes a ganhar com o tear como se fossem crianças ainda por nascer; imaginava-os surgindo devagar ao longo da vida que se estendia à

³³ “Nothing could be more unlike his native town, set within sight of the widespread hillsides, than this low wooded region, where he felt hidden even from the heavens by the screening trees and hedgerows. There was nothing here, when he rose in the deep morning quiet and looked out on the dewy brambles and rank tufted grass, that seemed to have any relation with that life centering in Lantern Yard, which had once been to him the altar-place of high dispensations.” (p. 63)

³⁴ “Orchards looking lazy with neglected plenty; the large church in the wide church-yard, which men gazed at lounging at their own doors in service-time; the purple-faced farmers jogging along the lanes or turning in at the Rainbow; homesteads, where men supped heavily and slept in the light of the evening hearth, and where women seemed to be laying up a stock of linen for the life to come. There were no lips in Raveloe from which a word could fall that would stir Silas Marner’s benumbed faith to a sense of pain”. (p. 63-4)

sua frente, com o fim ainda oculto por trás de infindáveis dias de tecelagem.³⁵ (p. 31)

O valor das moedas para Silas não representava a possibilidade de construção de vida mais abastada ou de compra de bens materiais, era, portanto, o símbolo de seu afeto ao não humano, ou seja, a ternura e a imagem de um ser inanimado que crescia em suas mãos representavam tudo aquilo que ele não tinha: amigos, família e amor.

Em seguida, o mundo reorganizado de Silas Marner sofre outra reviravolta. Todas as moedas que estavam guardadas debaixo de uma tábua de madeira, sob o tear na cabana de Silas, foram roubadas por Dunsey Cass enquanto Silas estivera ausente de casa. Isso causa nele tanto medo de acreditar nessa cruel realidade, que ele sofre um colapso nervoso, tal qual uma peça da engrenagem de uma máquina, que quando sobrecarregada de pressão, pode causar danos irreversíveis. Silas era tão alienado ao seu trabalho repetitivo que ao se certificar várias vezes que o dinheiro não estava mais lá, posicionou-se em frente ao tear e começou a trabalhar, para que assim pudesse chegar a alguma conclusão sobre o ocorrido.

Mais uma vez, levou à cabeça as mãos trêmulas e soltou um longo e lancinante grito, o grito da desolação. Depois ficou imóvel por alguns instantes. Mas o grito o aliviara da pressão enlouquecedora da verdade. Virou-se, arrastou-se até o tear e se sentou no banco onde trabalhava, buscando-o, instintivamente, como o mais forte contato que poderia ter com a realidade.³⁶ (p. 58)

Essa atitude de Silas corrobora ainda mais com seu espírito, destituído de sentimentos e humanização. Silas trabalha no tear como se estivesse hipnotizado, sua mente somente consegue raciocinar através do manuseio do tear. Silas chega à seguinte conclusão de que deve ir à Rainbow Inn, uma taverna onde os homens da vila de Raveloe se encontravam para conversar e se socializar. É nesse espaço que a comunidade de Raveloe o trata pela primeira vez como um membro da cidade. Isso acontece porque Silas nunca antes havia permitido que alguém que o acolhesse ou o ajudasse. Os homens presentes em *Lantern Yard* fizeram o angustiado Silas Marner sentar-se numa poltrona e ouvem-lhe toda a história do roubo do dinheiro.

Desse momento em diante, Silas passa por um outro processo de transformação pessoal. O meio natural, caracterizado aqui como a vila de Raveloe, é o espaço de refúgio e reconstrução do

³⁵ “He loved them all. He spread them out in heaps and bathed his hands in them; then he counted them and set them up in regular piles, and felt their rounded outlines between his thumb and fingers, and thought fondly of the guineas that were only half earned by the work in his loom, as if they had been unborn children — thought of the guineas that were coming slowly through the coming years, through all his life, which spread far away before him, the end quite hidden by countless days of weaving.” (p. 70)

³⁶ “Again he put his trembling hands to his head, and gave a wild ringing scream, the cry of desolation. For a few moments after, he stood motionless; but the cry had relieved him from the first maddening pressure of the truth. He turned, and tottered toward his loom, and got into the seat where he worked, instinctively seeking this as the strongest assurance of reality.” (p. 93)

indivíduo, o que é ressonância marcante do Romantismo. Foi somente com o roubo do dinheiro que Silas teve a coragem de sair de sua constituição de máquina para enfrentar a comunidade de Raveloe. Devemos entender que o sentido de enfrentamento aqui não se refere ao embate físico, e sim sair à busca de respostas sobre quem lhe roubara o dinheiro e, também, sobre a busca de si próprio. Desse modo, vemos que a devastação emocional de Silas Marner pela perda do dinheiro atrai a simpatia e o acolhimento da sociedade em relação ao tecelão, não percebidos por ele num primeiro momento, mas o narrador, preparando o leitor para o desfecho da história, já aponta:

Essa situação inteiramente inusitada, de se ver contando seus problemas para os vizinhos de Raveloe, sentado no calor de uma lareira que não era a sua, e sentindo a presença de rostos e vozes que eram a promessa de ajuda mais próxima, sem dúvida teve um efeito sobre Marner, apesar de sua preocupação pela perda. Nossa consciência raramente registra quando algo desperta dentro ou fora de nós: muita seiva já circulou antes que possamos detectar o menor sinal de um botão.³⁷ (p. 75)

Desde o momento em que Silas saíra de sua casa em busca de respostas pelo roubo do seu dinheiro iniciou-se o processo de desconstrução da máquina que movia sua vida, ou seja, a metáfora do botão de rosa que nasce e floresce nos indica que Silas passara a comportar-se mais como um ser vivo e menos como uma peça de engrenagem. Ainda assim, Silas se sentia num imenso buraco escuro e vazio, mesmo tendo o apoio dos vizinhos de Raveloe para readaptar-se socialmente, o sentimento de que algo estava faltando o acompanhava regularmente:

Antes, seu coração era como um cofre trancado, com um tesouro dentro. Mas agora o cofre estava vazio e a tranca, quebrada [...] Silas não pôde deixar de ter a sensação, ainda que vaga e surgida do desespero, de que, se algum auxílio aparecesse, teria de vir de fora.³⁸ (p. 106-7)

Nesse sentido, a metáfora do botão desabrochará numa certa noite de ano novo, no qual aparece a bebê, Eppie, na cabana de Silas. No primeiro instante, Silas fica atordoado e imagina que o bebê seria o ouro que fora roubado e, agora, retornara ao lugar de origem – uma alusão aos cabelos louros da criança. Depois ele pensa que poderia ser sua irmã que morrera quando era criança – uma espécie de aparição. Até que o bebê desperta e começa a chorar de fome. Silas enche-se de um sentimento, que até então, era inexplicável para ele, e começa a preparar um mingau para Eppie. Com o passar do tempo, a garotinha Eppie se transforma na força motriz de Silas Marner e podemos

³⁷ “This strangely novel situation of opening his trouble to his Raveloe neighbors, of sitting in the warmth of a hearth not his own, and feeling the presence of faces and voices which were his nearest promise of help, had doubtless its influence on Marner, in spite of his passionate preoccupation with his loss. Our consciousness rarely registers the beginning of a growth within us any more than without us: there have been many circulations of the sap before we detect the smallest sign of the bud.” (p. 108)

³⁸ “Formerly, his heart had been as a locked casket with its treasure inside; but now the casket was empty, and the lock was broken [...] Silas had inevitably a sense, though a dull and half-despairing one, that if any help came to him it must come from without; (p. 134-5)

observar que ele se torna um indivíduo totalmente humanizado e já destituído das características mecânicas.

A presença de Eppie forçava Silas a construir novos objetivos de vida, pois ela representava “um objeto composto por mudanças e esperanças que forçavam esses pensamentos para a frente, levando-os para longe de seu antigo caminhar na direção do vazio”³⁹ (p. 166).

Nesse momento, a natureza existente ao redor da cabana também refletia em Silas as esperanças e vontades de proporcionar coisas novas tanto para ele como para Eppie. Vejamos um fragmento que aborda essa comunhão entre Silas e o meio ambiente, através da presença de Eppie:

E, quando o sol ficou mais forte e duradouro, fazendo os botões-de-ouro cobrir os campos, Silas às vezes podia ser visto, ao meio-dia ou no fim da tarde, quando as sombras das sebes se alongavam, passeando sem chapéu para levar Eppie para além da Pedreira, onde as flores cresciam, até que eles chegassem a um branco preferido.⁴⁰ (p. 166)

Finalizamos nossa análise sobre os espaços representativos para Silas Marner com um fragmento retirado do capítulo I da obra, no qual o narrador expõe que a “sua vida pessoal sofrera uma metamorfose”⁴¹ (p. 14). As transformações que Silas passara em todo o romance mostra o percurso de regeneração do personagem em duas metamorfoses e suas implicações com o meio natural. A primeira trata-se da ruptura com a comunidade de *Lantern Yard*, após ele ser falsamente acusado pelo crime. Silas era uma pessoa temente a Deus e crente na humanidade e passa a ser uma pessoa sem fé e vive em isolamento social, configurando-se aqui a mecanização do homem e uma separação com o meio natural. A segunda metamorfose ocorre quando, após o roubo do seu dinheiro, Silas procura a comunidade de Raveloe em busca de ajuda e, em seguida, é surpreendido com o aparecimento de Eppie. Então, acontece a sua regeneração como um homem totalmente pleno e satisfeito com a vida e em comunhão com o meio natural.

³⁹ “Was an object compacted of changes and hopes that forced his thoughts onward, and carried them far away from their old eager pacing toward the same blank limit” (p. 184)

⁴⁰ “And when the sunshine grew strong and lasting, so that the buttercups were thick in the meadows, Silas might be seen in the sunny midday, or in the late afternoon when the shadows were lengthening under the hedgerows, strolling out with uncovered head to carry Eppie beyond the Stone-pits to where the flowers grew, till they reached some favorite bank.” (184)

⁴¹ “Marner’s inward life had been a history and a metamorphosis”. (p. 56)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise do romance *Silas Marner: o tecelão de Raveloe*, de George Eliot, publicado em 1861, com enfoque nas transformações sociais em Silas Marner a partir de sua relação com o meio ambiente. Além disso, também permitiu debruçarmos nosso olhar, à luz da ecocrítica, para as relações entre o homem e a natureza e suas implicações com o espaço ficcional retratados na obra e verificarmos que o momento de transição entre o Romantismo e o Realismo contribuíram para que tais transformações fossem possíveis.

De um modo geral, aplicou-se na pesquisa a análise de uma obra publicada num momento em que a Inglaterra já demonstrava ser uma sociedade industrializada e em constante fortalecimento econômico. Entretanto, George Eliot volta no tempo e nos apresenta um romance que retrata o início dessa transformação social. Vemos aqui, portanto, que ela deixou transparecer na obra suas influências provenientes do Romantismo de Wordsworth. Contudo, George Eliot está atenta às consequências que a industrialização trouxe à sociedade.

Nesse sentido, observamos que em *Silas Marner* há a presença do Realismo através da transformação social dos personagens por meio do cenário bucólico que os poetas românticos utilizavam em suas poesias. Esse resultado só foi possível através de uma análise ecocrítica, ou seja, analisamos as relações entre o meio ambiente e os personagens. Pois entendemos que suas transformações pessoais ou, também, podemos chamar de metamorfoses, são consequências de uma sociedade que estava em plena transformação entre eles mesmos e, do mesmo modo, a mudança no tratamento entre homem e natureza.

Temos ciência de que na Era Vitoriana pouco se falava das sequelas que a industrialização traria para as relações entre homem e natureza. No entanto, é importante ressaltarmos que romancistas, como George Eliot, davam indícios de que a natureza nunca mais seria tratada da mesma forma que outrora devido aos males advindos da Revolução Industrial.

Foi possível notar que a natureza no Romantismo era o refúgio do eu-lírico, local este destinado ao isolamento do indivíduo que fugia dos desequilíbrios do mundo exterior,

enquanto que no Realismo o indivíduo precisa encarar a natureza para superar as dificuldades humanas. Além disso, ao tratar dos personagens, George Eliot dá voz a uma sociedade marginalizada, não apenas no protagonista Silas Marner, o tecelão, como também a outros personagens de classes inferiores.

Dada a importância do tema, torna-se necessário ficarmos atentos às produções literárias da Era Vitoriana. O olhar que George Eliot tem sobre as transformações humanas da sociedade do século XIX podem ser relevantes ainda nos dias atuais, o que a torna uma mulher crítica e criadora de personagens com experiências de contato com a realidade, fortemente ligados à natureza.

Chegamos à conclusão de que, tal qual Silas Marner, George Eliot tece a vida dos personagens da comunidade atrasada de Raveloe ligando-os ao mundo natural sob as influências da poética de Wordsworth, através da descrição das paisagens bucólicas nos bosques, na cabana, em Raveloe. Tudo isso configura-se num entrelaçamento entre as atividades humanas e o meio ambiente.

REFERÊNCIAS

ABRAMS et alli (ed). "The Romantic Period" in **The Norton Anthology of English Literature**. 5 ed. New York, W.W. Norton, 1974, Vol.2, p. 1-19.

ABRAMS et alli (ed). "Preface to Lyrical Ballads" in **The Norton Anthology of English Literature**. 5 ed. New York, W.W. Norton, 1974, Vol.2, p. 155-170.

Bíblia, A. **Gênesis 1:1**. Brasília: Editora Vozes, 2005.

CANDIDO, Antonio. ROSENFELD, Anatol. PRADO, Décio de Almeida. GOMES, Paulo Emílio Sales. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CAPRA, Fritjof. Trad. Álvaro Cabral. **O ponto de mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

ELIOT, George. **Silas Marner**. London. Penguin Books, 1967.

_____. **Silas Marner: o tecelão de Raveloe**. Trad. Juliana Romeu. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2017.

GIFFORD, Terry. **A ecocrítica na mira da crítica atual**. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/viewFile/11049/8065>. Acessado em set/2018.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. 21ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KARL, Frederick R. **George Eliot: a voz de um século**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

TRILLING, Lionel, e Bloom, Harold. (orgs). **The Oxford Anthology of English Literature**. Romantic Poetry and Prose. London: Oxford UP, 1978. Print

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WORDSWORTH, William. **Michael, A Pastoral Poem**. Disponível em: <https://www.hffmcsd.org/site/handlers/filedownload.ashx?moduleinstanceid=284&dataid=1212&FileName=michael.pdf>. Acessado em set/2018.